



FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS: reflexões a cerca do ser família na contemporaneidade

Amanda Cristina Ramos de Oliveira^{*1}
Paula Manuella Silva de Santana^{*2}

RESUMO

A instituição familiar passou por diversas transformações ao longo dos anos, transformando sua forma de ser e se constituir, até chegarmos à família pós-moderna do século XXI e suas inúmeras variações no modo de ser, trazendo consigo as famílias homoparentais, sendo esta uma das que mais tem gerado polêmica nas últimas décadas. A homoparentalidade tem ganhado destaque em debates e em grandes mídias sociais, devido a sua característica considerada incomum quando comparado a outras famílias: a presença de dois cônjuges de mesmo sexo cuidando de uma criança. A presente pesquisa tem por objetivo apresentar e discutir a forma como a homoparentalidade tem sido concebida e representada pelo meio social, bem como quais as possibilidades e contribuições da homoparentalidade para a sociedade e para o conceito de família em nosso país. Utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, sendo coletados, confrontados e analisados estudos teóricos publicados sobre o tema, no intuito de proporcionar uma discussão mais ampla sobre a temática. Foi possível perceber que a veiculação da homossexualidade/homoparentalidade tem ganhado amplitude ao longo do tempo nos meios de comunicação, ampliando o debate social sobre a temática e proporcionando a população, possibilidades de (re)flexão e (re)organização dos discursos envolvendo a homossexualidade e a família brasileira.

Palavras-chave: Representações Sociais. Família. Homoparentalidade.

INTRODUÇÃO

A família como instituição social conhecida atualmente, sofreu diversas modificações ao longo dos séculos, passando pelas mais variadas formas de

¹ Especialista em Psicologia da Família pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Psicóloga Clínica. E-mail: amandaramos1@r7.com

² Orientadora da pesquisa. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: paulamssantana@gmail.com



Assim, a presente pesquisa pretende ampliar o debate e reflexão a cerca da família homoparental, não focando-se exclusivamente na relação pais homossexuais e seus filhos, mas procurando compreender e refletir a cerca da família homoparental numa gama de perspectivas e possibilidades para além da parentalidade. Contudo, estudos futuros sobre a temática se fazem necessários, sendo tal pesquisa ainda inicial, tendo em vista que surgiu a partir de uma monografia para especialização acadêmica, devendo-se ampliar a partir de pesquisas futuras, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão e amplitude da questão.

1. Metodologia

Para a sua realização, a presente pesquisa se utilizou do método de revisão bibliográfica (pesquisa bibliográfica), que de acordo com Gil (1989), é constituída por ampla e extensa procura e estudo, por parte do pesquisador, de materiais já elaborados e publicados existentes sobre determinado tema, com o intuito de reunir o máximo de informações possíveis sobre a temática. Dessa forma, foram coletados, confrontados, analisados e discutidos estudos teóricos sobre o tema até hoje realizados e publicados, no intuito de adquirir e proporcionar maior conhecimento sobre a temática abordada.

O presente trabalho se iniciou com a pesquisa e exploração de artigos e textos (científicos e jornalísticos) sobre a família e sua historicidade, homossexualidade, parentalidade e homoparentalidade, sendo tais obras analisadas e posteriormente confrontadas, com o objetivo de se conhecer melhor questões que seriam abordadas ao longo da elaboração deste, bem como de evitar possíveis equívocos decorrentes da utilização de pesquisas desatualizadas, que comprometessem a qualidade do trabalho.

Para a coleta de dados, foram utilizados dados secundários, que de acordo com Marconi e Lakatos (2003), referem-se a livros, revistas, artigos, boletins, entre outros, à disposição da população e que não foram coletados pela primeira vez pelo pesquisador, mas que já podem ter sido utilizados em outras pesquisas, por outras pessoas. Ainda de acordo com estes autores, as fontes secundárias propiciam a



resolução de problemas já conhecidos e ainda possibilitam a exploração em outras áreas onde as problemáticas ainda não se cristalizaram o suficiente.

Como dados secundários, foram utilizados artigos científicos, livros, cartilhas e reportagens jornalísticas que abordassem o tema família, homossexualidade e homoparentalidade. Tais documentos foram obtidos através de meios eletrônicos e meios impressos. As informações adquiridas com a pesquisa foram analisadas de forma descritiva e qualitativa no intuito de compreender os dados obtidos e chegar a possíveis respostas para o problema proposto.

2. A homoparentalidade nos meios de comunicação de massa

Nas últimas décadas, a população homossexual brasileira tem lutado de forma cada vez mais incisiva pelo reconhecimento, tanto dos seus direitos no meio jurídico e constitucional brasileiro, como pelo reconhecimento e respeito da sua orientação sexual e de sua constituição familiar no meio social. Apesar das recorrentes lutas, ainda persistem diversos estereótipos e pré-conceitos referentes à homossexualidade e por conseguinte, à família homoparental. Diante disto, advogamos que tais construções sociais carecem de desvelamento, no intuito de compreender como estes reflexos e discursos interferem e são apreendidos pela família homoparental.

Na sociedade contemporânea, a velocidade, acesso e exposição de notícias colaboram para que mais pessoas, em diferentes localidades, tenham acesso à informação, educação, novos conceitos e ideias a respeito do meio social. Contudo, no que tange às informações que dizem respeito à sexualidade, gênero e transformações na família, persiste um processo de silenciamento, não sendo muito comum debates explícitos e abertos nos meios de comunicação a respeito destas temáticas.

Embora tenha havido uma tentativa de, em diferentes meios de comunicação, mostrar as pluralidades (sejam de gênero, de sexualidade, de raça, de classe social), as imagens referentes a formas menos comuns de viver/expressar o(s) gênero(s) e a(s) sexualidades, que não as heterossexuais, continuam aparecendo atreladas a uma ideia de algo "diferente", "exótico" ou "excêntrico". Em pleno século XXI, representações pejorativas e "estereotipadas" a respeito de mulheres, de gays, de lésbicas, de bissexuais vêm sendo (re)alimentadas através de notícias de televisão,

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Entre os anos de 1980 e 1990, até os dias atuais, algumas transformações foram vivenciadas na mídia em relação ao conceito e representação da homossexualidade, o que culminou, num processo de transformações conceituais na sociedade em relação à homoafetividade e a homoparentalidade no Brasil. Contudo, a temática da homoparentalidade ainda é veiculada e retratada nas mídias sociais com certa apreensão, no intuito de não “ofender e/ou escandalizar” o telespectador/ consumidor/ cidadão que assiste e conseqüentemente opina sobre tal temática na sociedade. Mas, por qual razão a mídia tem o poder de influenciar e possibilitar transformações nas representações sociais? Tomando o conceito de representação social enquanto ideias e formas de ações sociais que influenciam as consciências individuais, podendo também o indivíduo acrescer a estas ideias, suas crenças e visões de mundo, é possível compreender como o papel da mídia é fundamental para influenciar a população sobre diversas temáticas, gerando assim um conceito geral e pré-determinado sobre algo. (XAVIER, 2002).

Sabemos que os discursos presentes na ficção televisiva, ao mesmo tempo em que são a própria tensão e complexidade da vida social, são capazes de evidenciar tendências de pensamento coletivo de forma sutil e acumulativa, socializando condutas e papéis sociais, e afetando as atitudes e opiniões sobre temas específicos. (GERBNER, 1996 *apud* MESQUITA, 2012, p. 138).

Sendo assim, é de fundamental importância o debate em meios sociais sobre a questão da homoparentalidade de forma mais aberta e incisiva, já que esta mesma mídia ao mesmo tempo em que retrata e revela a vida social para a sociedade, influencia esta última em suas opiniões e atitudes nas mais diversas temáticas, podendo mistificar ou desmistificar a temática da homoparentalidade para o meio social. Entretanto, não se pode responsabilizar a mídia de forma exclusiva pelas representações sociais existentes a respeito da homoparentalidade, já que esta explora e veicula um conceito/representação, em muitas ocasiões, a partir das demandas da sociedade. Para além disso, é preciso reiterar a complexidade desta perspectiva, uma vez que os indivíduos são uma audiência ativa e reflexiva, assim como assinalam os Estudos Culturais (HALL, 2001).

Neste sentido, é possível assinalar algumas mudanças representativas a respeito da concepção e do discurso da homoparentalidade nos meios de comunicação de massa. Para ilustrar, é preciso sublinhar a repercussão do caso da

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



cantora Cássia Eller, que faleceu deixando seu filho menor de idade em meio a uma batalha judicial pela sua guarda, entre os pais da cantora e sua companheira Maria Eugênia. Nesta ocasião, grande parte da população apoiava a permanência de João, filho da cantora, sob os cuidados de Maria Eugênia, que por fim, terminou com a guarda da criança concedida a mesma. (ESTADÃO, 2002).

Um segundo caso se refere à novela “Amor à Vida” (2013), da Rede Globo, onde a temática da homoafetividade e homoparentalidade permaneceram presentes durante toda a trama, em que apesar da figura do homossexual estar atrelada à vilania em grande parte da trama, culminou numa simpatia e afeição do público para com o seu personagem e de seu companheiro na novela, que posteriormente assumiram sua união com seus filhos na ficção. Na ocasião, a novela alcançou picos de audiência consideráveis, levantando o debate sobre o tema da homoparentalidade nos meios sociais, com significativo apoio da população. (XAVIER, 2014).

Nestes dois casos, é possível perceber o vigor da perspectiva dos Estudos Culturais (HALL, 2001), pois enquanto a mídia apresenta algo, a sociedade consome e avalia a questão, demonstrando suas opiniões, estando a mídia a “devolver” tais representações para o público a depender das avaliações deste último, retroalimentando assim questões relevantes para o meio social.

Ler uma reportagem, ver uma imagem ou assistir a um filme cujo tema central é a homoparentalidade pode fazer com que aqueles que leem, veem e assistem revejam suas concepções a respeito do que significa ser uma família. Pode, ao mesmo tempo, provocar desconfortos e deslocamentos no modo como os sujeitos pensam as relações familiares na contemporaneidade. Ademais, diferentes efeitos podem emergir: repulsa, concordância, identificação e/ou estranhamento. (GUIZZO e GOMES, 2013, p. 5)

Outro caso interessante para análise, refere-se à novela “Em Família” (2014), de Manoel Carlos, também veiculada pela Rede Globo de televisão. Nesta trama, assim como em muitas outras nos últimos anos, continha em seu roteiro, um romance homossexual entre duas mulheres, as personagens Clara e Marina. Contudo, ao contrário das demais histórias já apresentadas ao grande público, nesta, a personagem Clara é casada com um homem, tendo ambos, um filho juntos.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A polêmica que circundou o romance entre as personagens Clara e Marina, trouxe opiniões e posições conflitantes entre os telespectadores, que, ao mesmo tempo em que apoiavam o romance entre as personagens, apresentaram restrições quanto ao fato de se depararem com um casal que vivia seu cotidiano e sua sexualidade de forma corriqueira, assim como outros casais heterossexuais presentes nas representações ficcionais televisivas. O que surgia nas entrelinhas dos discursos difundidos nas críticas de sites e blogs da época, bem como nas redes sociais, é que tolera-se o romance entre duas homossexuais femininas, contudo, tal expressão de amor e sexualidade não pode ser apresentada ao público de forma explícita, como ocorre com personagens heterossexuais.

De acordo com pesquisa descobriu-se que a maioria do público aprova a relação entre Clara e Marina, porém, não querem que as duas vivam como um casal heterossexual, ou seja, não querem vê-las acordando juntas, se beijando e trocando afeto, daí que podemos induzir um forte grau de repulsa por parte do telespectador naquilo que diz respeito a outras sexualidades possíveis, bem como um forte grau de machismo e conservadorismo. Por mais que se higienizem os corpos abjetos, a rejeição ao afeto homossexual ainda é muito forte. Tudo bem duas mulheres da classe média, brancas, magras, femininas serem amigas, daí quererem viver como “heterossexuais”, não pode. (HAILER, 2014, p.01).

“Em Família” trouxe à tona ainda, outro tipo de questão e tabu a ser avaliado e discutido em relação à homoafetividade: as incidências do machismo, do determinismo biológico e da dominação masculina, tal como sinaliza Bourdieu (1998), sobre a relação homoafetiva entre mulheres. Casais homossexuais masculinos, foram e são exibidos na TV de forma que o grande público os acolha (mesmo que com algumas restrições), como no caso da novela “Amor à Vida”, porém, a relação entre duas mulheres apresenta maiores restrições no meio social, o que se reflete na ficção.

O que Marina e Clara deixam claro é que, nem na novela o destino da mulher pode ser autônomo e muito menos fora do esquadro da família margarina. E o público só passou a apoiar Clara porque o seu marido está em um flerte com a médica que fez o transplante de seu coração. Ou seja, agora que ele encontrou outra mulher, Clara pode se jogar no romance com Marina. Não há exemplo mais objetivo do que este para entender do que se trata a estrutura heteronormativa. Homens vivendo juntos pode, mulheres não. Aqui o machismo não é latente, é evidente. (HAILER, 2014, p. 02).

Entre os diversos âmbitos que permeiam a questão da homossexualidade, está a questão de gênero e a íntima relação com o machismo existente em nossa



sociedade brasileira, como explicitado no texto de Hailer (2014). Apesar das diversas repressões e preconceitos existentes nas questões da sexualidade homossexual, mostra-se no meio social (evidenciado através da mídia) com maior evidência (e aceitação), a homossexualidade masculina, suas relações afetivas e o seu cotidiano de maneira mais leve e bem-humorada. Contudo, a exibição e conseqüente discussão a respeito da homossexualidade feminina, mostra-se como algo da ordem do “indesejado”, do exótico e do privado (jamais devendo ser exposto ao grande público).

As construções sociais a respeito da mulher, apesar das diversas conquistas desta ao longo das décadas, ainda mostram-se atreladas ao lugar do privado, do recato e muitas vezes, da imoralidade: dois homens juntos pode ser da ordem do permitido, não do desejável, mas do aceitável. (HAILER, 2014). Contudo, o lugar da mulher, mesmo que no âmbito da homossexualidade, ainda permanece subjugado ao papel do masculino: seu corpo, sua sexualidade e desejos, como resquícios da família patriarcal, se assujeitam ao controle e aceitação social. Por estas razões, a presença da homossexualidade feminina apresenta-se de forma tímida na grande mídia e, a partir da novela “Em Família”, evidenciou-se que para a mulher, a aceitação de sua sexualidade pela sociedade é imprescindível, sem ela, sua (homo)sexualidade é negada.

De fato, a imagem da homossexualidade e o debate sobre a família homoparental ganharam espaços significativos na sociedade brasileira, sobrepondo o estereótipo aos questionamentos de outras representações. Porém, ainda há um longo caminho a ser percorrido, onde a representação social da homoparentalidade seja respeitada e aceita como família, sem pré-conceitos negativos e estereótipos.

3. A família homoparental como processo de transformação sócio-cultural: da negação social às possibilidades

Como mencionado anteriormente, a família homoparental teve de enfrentar ao longo das décadas, diversas formas de preconceito social, revelados através dos discursos e comportamentos da sociedade em relação a esta forma de ser família.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Contudo, é possível perceber através da história, da sociologia, da antropologia, do direito e da psicologia social que a família homoparental vem ganhando espaço nos meio sociais, reivindicando direitos constitucionais, buscando o respeito e aceitação social como instituição familiar, porém, através de muitas lutas sociais.

Tal visibilidade [da homoparentalidade] pode ser justificada pelo fato de que nas últimas décadas, vários grupos sociais terem começado a reivindicar o direito à representação, bem como começado a questionar as formas de conhecimento dominantes. E essas reivindicações surgem quando esses grupos não se reconhecem como iguais a partir de processos de desigualdade, produzidos a partir de diferenças como gênero, sexualidade, raça, cor, faixa etária, classe social, dentre outros. (GUIZZO e GOMES, 2013, p. 01).

A Tv aberta, como meio de comunicação social de amplo alcance em nossa sociedade, como postula Mesquita (2012), bem como jornais, revistas e internet, vem abrindo espaço em sua programação e páginas para a temática da homossexualidade e homoparentalidade, levando assim ao grande público, a possibilidade de debater e problematizar a respeito destas temáticas no meio social.

A partir desta visibilidade e veiculação a respeito da homoparentalidade nas grandes mídias, a população passa a se “familiarizar” com a temática, dessa forma, o conhecimento gerado a respeito, possibilita uma maior compreensão sobre esse modo de ser família, proporcionando assim à sociedade, possibilidades de (re)criar conceitos sobre a família homoparental, não mais apenas reproduzindo discursos impostos socialmente desde os tempos da família patriarcal.

Nas últimas décadas tem havido uma maior produção e veiculação de imagens e reportagens cuja centralidade é voltada para as homossexualidades, para as conjugalidades homossexuais e, também, para as homoparentalidades. Essa circulação tem uma função política o que pode produzir outros significados culturais que possam se contrapor aos significados hegemônicos produzidos pela heteronormatividade. (GUIZZO e GOMES, 2013, p. 05).

Os discursos em torno da homossexualidade já não se limitam à comédia e estereotipização da figura homossexual (apesar desta ainda existir), tão pouco ao preconceito e promiscuidade (também associadas à homossexualidade em tempos posteriores e ainda hoje). Tais características negativas e/ou cômicas começaram a dar lugar a um conceito de homossexualidade e homoparentalidades menos vinculados a patologia e à anormalidade, iniciando assim um processo de

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



representação midiática sobre o tema associada a práticas cotidianas. A homossexualidade representada por conceitos negativos começa a dar lugar à imagem de um cidadão comum, com os mesmos direitos e deveres de todos os outros, ficando a sexualidade em segundo plano.

Mott (2006), por exemplo, apresenta uma interessante reflexão acerca da união homossexual e da família homoparental, afirmando que esta forma de ser família ainda guarda em si um romantismo mais arraigado do que em outras constituições familiares, incluindo a própria família nuclear heterossexual, já que esta última vê seu crescimento através do matrimônio diminuir significativamente, juntamente com o aumento nos números de divórcio, enquanto os casais homossexuais lutam pela possibilidade de permanecerem juntos de forma juridicamente legal, através do matrimônio, indo assim na contramão do crescente número de divórcios atualmente.

Ainda de acordo com este autor, nos últimos anos além da grande veiculação de figuras homossexuais pela mídia e a crescente transformação dos parâmetros sociais no que diz respeito a esta temática, estão às demandas pelas quais famílias homoafetivas têm lutado e defendido tão fortemente, pela possibilidade de legalmente permanecerem juntos e poderem ser considerados e respeitados socialmente como família. Algumas destas lutas já renderam frutos, contudo, cidadania e direitos humanos apenas são construídos através de justiça em toda a sua magnitude.

É, portanto escorado nessas conquistas tão importantes que se descortina um futuro esperançoso e brilhante para mais de 10% dos brasileiros praticantes do amor unissexual. Futuro em que a alegria, as purpurinas e paetês, tão ao gosto da estética gay, e o amor e a liberdade de amar haverão de se tornar patrimônio universal de toda a humanidade. Afinal, “gente nasceu para brilhar, e não para morrer de fome...” Os mais de dois milhões e meio de manifestantes GLS na última parada do orgulho gay em São Paulo, em maio de 2005, representam um marco histórico na visibilidade massiva das minorias sexuais. O Brasil passou a ostentar a maior parada gay do mundo! (MOTT, 2006, p. 513).

Quando direitos são negados, não apenas a minoria a quem se negou cidadania é prejudicada, toda a população é afetada, pois colaboram fortemente à manutenção de desigualdades e de injustiças sociais.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Considerações Finais

A questão da homoparentalidade vem ganhando destaque em meio às mídias sociais, à sociedade e no âmbito jurídico nas últimas décadas, sendo tratadas questões sobre o casamento civil homossexual, adoção de crianças por casais homoafetivos, a constitucionalidade das famílias homoparentais e a forma de veicular tais questões na mídia, não sendo pela via de pré-conceitos negativos.

As representações sociais que circundam a família homoparental, aparecem através da mídia, seja por meio de notícias ou de programas de ficção, como novelas, quadros humorísticos e seriados em nossa TV, todos os dias e com maior frequência nas últimas décadas. Porém, é um pensamento simplista considerar que as representações associadas a homoparentalidade e a homossexualidade são absorvidas irrestritamente pela grande população, sendo esta última completamente influenciada por aquilo que é veiculado entre as mídias sociais: o que é apresentado para o grande público, advém das próprias opiniões, comportamentos e posicionamentos da população em relação as mais diversas temáticas, ou seja, a veiculação da homossexualidade e homoparentalidade como negativa, promíscua ou cômica, são representações de discursos existentes no meio social e que são (re)apresentadas à população através dos meios de comunicação, reafirmando assim conceitos e discursos vigentes entre a população.

Apesar das críticas e pré-conceitos existentes a respeito da homossexualidade e homoparentalidade, mudanças no que concerne tal temática tem sido crescentes, com transformações no sentido de maior tolerância da população com a questão. Isso se faz evidente com uma maior aceitação das “paradas da diversidade” existentes em vários estados do território nacional, paradas essas divulgadas pela mídia e com a participação de grande parte da população nos últimos anos.

A novela “Amor à Vida”, exibida pela Rede Globo de televisão, entre os anos de 2013 e 2014, comprovam as transformações ocorridas no âmbito social em relação à imagem da figura do homossexual na sociedade: torceu-se pelo casal homossexual masculino e apesar da polêmica envolvendo o “beijo gay” do último

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



discursos sobre a homoparentalidade e a instituição familiar vigentes em nossa sociedade, pois é através do conhecimento, que mudanças significativas e de humanização podem emergir. Dessa forma, outros estudos a respeito dessa temática se fazem necessários, explorando de forma mais ampla a homoparentalidade a partir do âmbito jurídico, sociológico e psicológico.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ESTADÃO. *Filho de Cássia Eller fica com sua companheira*. São Paulo, 31 out. 2002. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20021031p4736.htm>>.

Acesso em: 06 maio 2014.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GUIZZO, B. S.; GOMES, J. C. A. *Representações de homoparentalidade na mídia: configurações familiares contemporâneas*. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1383924645_ARQUIVO_BiancaSalazarGuizzo.pdf>. Acesso em 25 abr. 2014.

HAILER, M. *A família, as lésbicas, a novela e o machismo evidente*. Porto Alegre: Revista Fórum, 2014. Disponível em:

<<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/05/familia-lesbicas-novela-e-o-machismo-evidente/>>. Acesso em: 18 maio 2014.

HALL, S. Encoding/Decoding. In: DURHAM, M. G.; KELLNER, D. M. *Media and Cultural Studies*. Reino Unido: Blackwell Publishing, 2001. cap. 13.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



LACERDA, T. W. F. *Casos de famílias: representações de paternidade homossexual na cidade de Campinas*. Campinas: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST21/Tiago_Wiliam_Felicio_Lacerda_21.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos da metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MESQUITA, A. M. *Afamília homoparental na ficção televisiva: as práticas narrativas do Brasil e da Espanha como relato das novas representações afetivo-amorosas*. Barcelona: UAB, 2012. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/96266/amm1de1.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

MOTT, L. *Homo-afetividade e direitos humanos*. Florianópolis: Scielo, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2014.

XAVIER, R. *Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?* Recife: Scielo, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a03.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

XAVIER, N. *Amor à vida entra para a história com o beijo gay*. São Paulo: UOL, 2014. Disponível em: <<http://nilsonxavier.blogosfera.uol.com.br/2014/01/31/amor-a-vida-entra-para-a-historia-com-o-beijo-gay/>>. Acesso em: 07 maio 2014.